

UMA ANÁLISE DA RETÓRICA CONSERVADORA-POPULISTA DE JAIR BOLSONARO: DO IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF (2016) À ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2018

AN ANALYSIS OF JAIR BOLSONARO'S CONSERVATIVE-POPULIST RHETORIC: FROM THE IMPEACHMENT OF DILMA ROUSSEFF (2016) TO THE 2018 PRESIDENTIAL ELECTION

Maria Eduarda Medeiros Dias¹ e João Maurício Leitão Adeodato²

RESUMO

O presente trabalho analisa a ascensão da retórica conservadora no Brasil contemporâneo sob a ótica da teoria do discurso de Ernesto Laclau, tomando como objeto as falas de Jair Bolsonaro entre o impeachment de Dilma Rousseff (2016) e a eleição presidencial de 2018. A investigação parte da crise de hegemonia do pacto pós-Constituição de 1988, caracterizada por deslocamentos sociais que culminaram em crises de representatividade e polarização. Sustenta-se que o bolsonarismo operou uma exitosa prática articulatória ao converter demandas heterogêneas e o antipetismo em uma cadeia de equivalências, fixando o líder como o significante central de uma nova identidade popular-democrática. A análise integra as provas de persuasão da retórica aristotélica (*ethos*, *pathos* e *logos*) e a técnica do *dissoi logoi* para compreender como a mobilização de categorias como família, religião e pátria constituiu uma fronteira antagônica contra o bloco de poder anterior. Conclui-se que o fenômeno bolsonarista representa uma metamorfose discursiva que, ao articular o ressentimento e a moralidade tradicional via redes sociais, logrou fixar um novo centro de poder, tensionando os marcos institucionais e os direitos fundamentais no cenário nacional.

Palavras-chave: Hegemonia; Populismo; Jair Bolsonaro; Ernesto Laclau; Direitos Fundamentais.

ABSTRACT

*This paper analyzes the rise of conservative rhetoric in contemporary Brazil through the lens of Ernesto Laclau's discourse theory, focusing on Jair Bolsonaro's speeches between the impeachment of Dilma Rousseff (2016) and the 2018 presidential election. The investigation starts from the crisis of hegemony within the post-1988 Constitutional pact, characterized by social dislocations that culminated in crises of representation and polarization. It is argued that Bolsonarism operated a successful articulatory practice by converting heterogeneous demands and anti-PT sentiment into a chain of equivalences, fixing the leader as the central signifier of a new popular-democratic identity. The analysis integrates the Aristotelian proofs of persuasion (*ethos*, *pathos*, and *logos*) and the technique of *dissoi logoi* to understand how the mobilization of categories such as family, religion, and fatherland constituted an antagonistic frontier against the previous power bloc. It is concluded that the Bolsonarista phenomenon represents a discursive metamorphosis that, by articulating resentment and traditional morality via social networks, succeeded in fixing a new center of power, challenging the institutional frameworks and fundamental rights in the national scenario.*

Keywords: Hegemony; Populism; Jair Bolsonaro; Ernesto Laclau; Fundamental Rights.

1 Faculdade de Direito de Vitória - FDV. Email: mariaeduardamedeirosd@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-5503-7391>

2 Faculdade de Direito de Vitória - FDV. E-mail: jmadeodato@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4290-7087>

1 INTRODUÇÃO

A política configura-se como um dos campos centrais e de maior carga valorativa na sociedade, refletindo não apenas as mudanças e tendências de uma determinada época, mas também a leitura da realidade sob o olhar de diferentes parcelas da população. No Brasil, o cenário político histórico é marcado por instabilidades e rupturas institucionais significativas, que moldaram a trajetória democrática do país.

Exemplos emblemáticos incluem a Era Vargas, com seus quinze anos de duração; a promulgação de cinco cartas constitucionais desde a Proclamação da República em 1889 até a atual Constituição Federal; e o período da ditadura militar, que perdurou vinte e um anos e foi marcado pela edição de dezessete Atos Institucionais, com impactos profundos sobre os direitos civis e o funcionamento das instituições democráticas.

Frente aos movimentos sociopolíticos que ganharam força no Brasil a partir dos anos de 2010, o presente trabalho busca analisar o crescimento da retórica conservadora na ótica dos discursos de Jair Bolsonaro. A investigação abrange desde o período em que o político atuava como parlamentar até a eleição presidencial de 2018, com atenção especial aos elementos retóricos que favoreceram a empatia e identificação com seu eleitorado, assim como à forma como seus discursos foram aprovados e replicados em diferentes regiões do país, mesmo quando carregados de teor antidemocrático.

A pesquisa consolida-se na análise da prática articulatória que permitiu a rápida ascensão de Jair Bolsonaro, transformando-o de um ator periférico do legislativo em um nó central de hegemonia política a partir de 2010. Para além de uma mera análise de conjuntura, investiga-se como o discurso bolsonarista operou uma metamorfose discursiva, unindo elementos ideológicos heterogêneos sob a égide de um novo antagonismo.

O estudo examina como demandas sociais dispersas - intensificadas pelas crises de representatividade - foram deslocadas de seu caráter isolado para formar uma cadeia de equivalências que constituiu o 'povo' em oposição direta ao bloco de poder estabelecido. Nesse sentido, as falas e pronunciamentos emblemáticos do ex-deputado não são vistos apenas como comunicações, mas como interpelações popular-democráticas que redefiniram as identidades políticas no Brasil, capturando o campo social como um espaço aberto de disputa discursiva e construção de uma nova ordem.

As características dos discursos de Jair Bolsonaro, materializadas em falas e pronunciamentos emblemáticos, serão analisadas não como meros veículos de informação, mas como práticas articulatórias que operam a constituição de novas identidades políticas. Sob a luz da retórica aristotélica e da perspectiva pós-estruturalista, a investigação examina como esses discursos funcionam como interpelações popular-democráticas capazes de unir elementos ideológicos heterogêneos em uma nova hegemonia.

Nesse sentido, a pesquisa utilizará o método do *dissoi logoi* como ferramenta analítica para confrontar os deslocamentos discursivos e compreender a lógica política que sustenta a formação do

sujeito coletivo ‘povo’ em oposição ao bloco de poder dominante. O objetivo é desvelar como essa metamorfose discursiva logrou êxito em articular demandas sociais insatisfeitas, fixando sentidos que, embora tensionem princípios democráticos e direitos fundamentais, oferecem uma fronteira de antagonismo clara e mobilizadora para o eleitorado.

2 CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO PÓS-CONSTITUIÇÃO DE 1988

Após vinte e um anos de regime militar, a promulgação da Constituição Federal de 1988 não representou apenas um marco jurídico, mas a tentativa de fixar um novo centro de hegemonia no Brasil, baseado no constitucionalismo e nos direitos fundamentais. No entanto, a trajetória democrática subsequente revelou que o social permanece um campo aberto e em constante disputa.

A sucessão de crises - desde o impeachment de Fernando Collor de Mello até as transições entre o PSDB e o PT - demonstra o que Laclau (1986) define como a dificuldade de estabilizar um sistema de diferenças em torno de um projeto político duradouro. Embora o período de 1989 a 2010 tenha buscado consolidar uma ordem institucional, a recorrência de rupturas sinaliza que a “vontade coletiva” é precária e sujeita a constantes interpelações que podem desestabilizar o bloco de poder vigente.

No intervalo de quase três décadas pós-redemocratização, a predominância do Partido dos Trabalhadores por treze anos consecutivos gerou uma importante metamorfose discursiva no cenário nacional. A emergência de escândalos como o Mensalão e a Operação Lava Jato não deve ser lida apenas como fenômenos de corrupção, mas como elementos que permitiram a construção de uma fronteira antagônica clara.

Sob a ótica de Laclau (1986), o “antipetismo” consolidou-se como o motor de uma cadeia de equivalências. Demandas sociais heterogêneas e insatisfações dispersas passaram a ser articuladas em torno de um inimigo comum: o “bloco de poder” identificado com a sigla governista. Como sugere Bello (2023), essa polarização não é meramente psicológica, mas um processo de constituição de identidades: o PT deixou de ser apenas um partido para se tornar, na retórica de seus opositores, o “outro” que impede a realização da plenitude do “povo”.

Essa crise de representatividade fragmentou a hegemonia anterior e abriu espaço para que novos significantes (como a moralidade cristã e o patriotismo militar) passassem a ocupar o centro do discurso político. O ambiente de “terra arrasada” e a saturação das instituições tradicionais funcionaram como o deslocamento necessário para que uma nova interpelação popular-democrática, de caráter conservador e reacionário, passasse a articular o descontentamento das massas, preparando o terreno para a ascensão do bolsonarismo como uma nova tentativa de fechamento do sistema político.

3 A ONDA CONSERVADORA E O POPULISMO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

3.1 ASCENSÃO DO BOLSONARISMO E ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS

A ascensão do bolsonarismo a partir de 2010 não deve ser lida apenas como um fenômeno de opinião pública, mas como uma exitosa prática articulatória que logrou construir uma nova hegemonia no Brasil. Analisando sob a ótica de Laclau (1986), o discurso bolsonarista operou uma interpelação popular-democrática que deslocou o campo social, transformando demandas dispersas em uma fronteira de antagonismo clara.

Nesse cenário, o “antipetismo” deixou de ser uma mera oposição partidária para se tornar o motor de uma cadeia de equivalências. Demandas heterogêneas da “bancada BBB” (Bíblia, Boi e Bala) e insatisfações com os governos progressistas foram despojadas de seu caráter isolado e unidas sob um significante comum: o combate à “velha política” e a restauração moral. A candidatura de Donald Trump e o Brexit, nesse contexto, não são apenas eventos paralelos, mas evidências de uma reconfiguração global das identidades políticas via discurso.

A eficácia de Jair Bolsonaro residiu em sua capacidade de se apresentar como o ponto de cristalização dessa nova identidade coletiva. Suas falas agressivas e ataques a grupos vulneráveis - frequentemente lidos apenas como discursos de ódio - funcionam, na lógica laclauniana, como ferramentas de fixação de sentido. Ao antagonizar minorias e instituições, o orador delimita quem é o “povo” e quem é o “inimigo”, operando o que Laclau (1986) define como a especificidade do político: a divisão do espaço social em dois campos opostos.

Assim, episódios como a exaltação ao regime militar ou a oposição ao chamado “kit gay” não foram meras polêmicas isoladas, mas metamorfoses discursivas que permitiram ao populismo bolsonarista assumir cores conservadoras e reacionárias. Através de uma retórica que mobiliza afetos primários, Bolsonaro não apenas defendeu interesses preexistentes; ele constituiu o sujeito coletivo que passaria a sustentar seu projeto de poder, oferecendo uma promessa de ordem e plenitude em um ambiente de profunda fragmentação e crise de representatividade. O antagonismo em relação ao Partido dos Trabalhadores é evidenciado em sua declaração de 2017:

Eu quero agradecer ao Lula que, em todos os seus movimentos, tem citado o meu nome como um grande inimigo do PT. Eu fico muito orgulhoso disso, afinal de contas, sou o oposto do que o Lula é. Sou exatamente o contrário do que o PT fez e pregou até hoje. (Câmara dos Deputados, 2017).

O discurso de caráter polarizador e de oposição direta ao grupo que governava o país se tornou uma das marcas da trajetória política do deputado. Com essa, a insatisfação popular com o status quo político da década de 2010, somada à emergência de um líder de ideologia contrária à predominante nos anos anteriores, favoreceu o crescimento de sua influência. Ao mobilizar pautas de cunho

religioso, moral e nacionalista, bem como a defesa do “cidadão de bem”, Bolsonaro consolidou um discurso de oposição centrado em valores tradicionais e em críticas ao governo vigente.

4 DISCURSOS PARLAMENTARES E CONSTRUÇÃO RETÓRICA DE JAIR BOLSONARO

4.1 IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF

O processo de impeachment de Dilma Rousseff em 2016 funcionou como o momento de metamorfose discursiva fundamental para a ascensão do bolsonarismo. Na votação da Câmara, o então deputado Jair Bolsonaro proferiu um pronunciamento que operou uma poderosa interpelação popular-democrática, vinculando a destituição da presidente a uma narrativa de revanche histórica e restauração moral:

Nesse dia de glória para o povo brasileiro, tem um nome que entrará para a história nessa data, pela forma como conduziu os trabalhos nessa Casa. Parabéns, Presidente [da Câmara] Eduardo Cunha. Perderam em 64, perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve. Contra o comunismo. Pela nossa liberdade. Contra o Foro de São Paulo. Pela memória do Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff. Pelo Exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas. Por um Brasil acima de tudo, e por Deus acima de todos, o meu voto é sim.

Sob a ótica de Laclau (1986), esse discurso não é meramente informativo; ele é uma ferramenta de fixação de sentidos. Ao evocar a memória de Ustra e traçar um paralelo entre 1964 e 2016, Bolsonaro institui uma fronteira antagônica intransponível: de um lado, o “povo de bem”, a família e as Forças Armadas; do outro, o “comunismo” e o projeto político do PT, personificado como o inimigo a ser erradicado. Essa fala consolidou o papel de Bolsonaro como o nó central de uma cadeia de equivalências que uniu o ressentimento histórico, a pauta moral e a crise política em uma única identidade de oposição.

4.2 ELEIÇÃO DE 2018: A HEGEMONIA DO SIGNIFICANTE “BRASIL ACIMA DE TUDO”

A campanha presidencial de 2018 representou a consolidação dessa nova hegemonia. Ao lançar sua candidatura, Bolsonaro não se apresentou apenas como um competidor eleitoral, mas como a personificação do próprio “povo” em luta contra o “bloco de poder” corrupto. Como apontam Baptista, Hauber e Orlandini (2022), o populismo aqui opera através da unificação de demandas heterogêneas sob um líder carismático que promete a libertação de uma elite (institucional e intelectual) degenerada.

A utilização intensiva das redes sociais permitiu uma comunicação direta que contornava as instâncias de mediação tradicionais, fortalecendo a interpelação individualizada. Nesse contexto, o argumento da “terra arrasada” e a associação intrínseca entre corrupção e esquerda serviram para legitimar o que João Cezar de Castro Rocha (2021) denomina como “guerra cultural”.

A reinterpretação positiva do regime militar e a crítica às políticas distributivas deixaram de ser posições marginais para se tornarem elementos centrais de um discurso que buscava romper com a hegemonia estabelecida pelo pacto de 1988. Segundo Chaloub e Perlatto (2016), essa nova direita logrou aproximar o discurso conservador do cotidiano da população ao transformar pautas morais em questões de urgência existencial. Assim, a vitória de 2018 foi o resultado de uma exitosa prática articulatória que logrou fixar o bolsonarismo como a única alternativa de ordem em um campo social profundamente deslocado pela crise.

5 REFERENCIAIS TEÓRICOS E ANÁLISE RETÓRICA

5.1 CATEGORIAS DISCURSIVAS: FAMÍLIA, RELIGIÃO, PÁTRIA E INIMIGOS POLÍTICOS

A análise das estratégias discursivas de Jair Bolsonaro revela que as referências à família, à religião, à pátria e aos inimigos políticos não são meros conteúdos temáticos, mas momentos de uma prática articulatória que visa à hegemonia. Conforme os estudos de Baptista, Hauber e Orlandini (2022) e de Chaloub e Perlatto (2016), o discurso bolsonarista opera uma metamorfose discursiva que une o personalismo do líder à construção simbólica de um sujeito coletivo capaz de representar a plenitude da nação frente à crise.

Sob a ótica de Laclau (1986), esses elementos funcionam como significantes que estabelecem uma cadeia de equivalências. Demandas sociais distintas e heterogêneas são despojadas de seu caráter particular para serem unificadas em torno da “defesa dos valores morais”. Nesse processo, a família e a religião deixam de ser instituições privadas e passam a ser interpelações popular-democráticas que definem quem é o “cidadão de bem”. Em contrapartida, as pautas progressistas são deslocadas para fora dessa cadeia, sendo representadas como elementos “ideologizados” que ameaçam a identidade constituída.

A categoria pátria atua como um nó central dessa articulação, acionando um nacionalismo que define a soberania não apenas em termos territoriais, mas como a proteção do “povo” contra agentes desestabilizadores internos. A construção do inimigo político - materializada na responsabilização sistemática da esquerda e do Partido dos Trabalhadores - é o que permite a criação de uma fronteira de antagonismo absoluta.

A narrativa de “terra arrasada” funciona, portanto, como o mecanismo de deslocamento necessário para deslegitimar o bloco de poder anterior e fixar novos sentidos políticos. Conjugadas,

essas práticas articulatórias não apenas promovem a imagem do líder, mas constituem a própria realidade social como um campo de batalha simbólico, onde a exclusão do “outro” político é a condição necessária para a existência da nova ordem conservadora no Brasil.

5.2 LEITURA IDEOLÓGICA DA DIREITA CONSERVADORA SOBRE A CRISE INSTITUCIONAL

Para aprofundar a análise da prática articulatória conservadora, é necessário observar os prismas teóricos que justificam o rompimento com o bloco de poder anterior. Adota-se, como referencial analítico, a crítica do filósofo John Gray ao liberalismo universalista, compreendendo-a como o diagnóstico de uma crise de hegemonia das democracias liberais.

Gray argumenta que o projeto liberal contemporâneo se orienta por “teorias mortas” ao presumir um modelo único de organização social, ignorando a pluralidade radical de modos de vida. Para o autor, o liberalismo universalista assume uma feição dogmática que atua como “[...] uma espécie de fundamentalismo, não um remédio para ele” (GRAY, 2011, p. 47). Sob a ótica de Laclau (1986), essa imposição de um modelo único gera um deslocamento no campo social: uma massa de demandas e identidades particulares (tradicionais, religiosas, locais) deixa de ser articulada pelo sistema e passa a existir como um excedente de insatisfação.

É precisamente nesse espaço de deslocamento que a retórica de Jair Bolsonaro opera sua metamorfose discursiva. Ao confrontar o «universalismo» das pautas progressistas, Bolsonaro não está apenas defendendo valores isolados, mas realizando uma interpelação popular-democrática que oferece um novo *modus vivendi*. Ele articula os conflitos de valores - que Gray identifica como dilemas sem solução única - em uma narrativa de crise civilizatória, onde a «vontade coletiva» deve ser restaurada contra as elites cosmopolitas.

Nesse sentido, a convergência entre a crítica teórica de Gray e a prática política de Bolsonaro reside na deslegitimação das normas universais em favor de uma identidade particular que se pretende hegemônica. Bolsonaro transforma a pluralidade de conflitos sociais em uma cadeia de equivalências que aponta para a necessidade de um líder capaz de representar a “autenticidade” do povo frente ao “erro moral” do sistema. Assim, o bolsonarismo consolida-se como uma tentativa de fixar um novo centro de poder, capturando o desejo de ordem e pertencimento que o projeto liberal universalista, em sua crise de representatividade, não logrou mais conter.

5.3 RETÓRICA ARISTOTÉLICA: *ETHOS*, *PATHOS* E *LOGOS*

A perspectiva da retórica aristotélica distingue três provas de persuasão fundamentais: o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. Conforme Adeodato (2015), o *ethos* vincula-se ao caráter e à credibilidade do

orador; o *pathos* refere-se às emoções despertadas no auditório; e o *logos* concerne à estrutura argumentativa e à demonstração do discurso em si.

Ao confrontar a retórica de Jair Bolsonaro com o modelo clássico sob uma lente pós-estruturalista, observa-se que essas provas funcionam como momentos de uma prática articulatória que visa à hegemonia. O *logos* bolsonarista não apenas expressa ideias, mas atua como um significante de ruptura: ele oferece um fechamento discursivo para a massa de demandas insatisfeitas com o bloco de poder anterior. O discurso de “combate ao sistema” organiza o campo social, transformando a frustração econômica e política em uma narrativa coerente de renovação.

O *ethos* do orador, ancorado em sua trajetória militar e parlamentar, é articulado para construir uma imagem de autoridade e “autenticidade” - elemento central para a interpelação popular-democrática. Diferente do político tradicional, o *ethos* aqui é o do outsider que fala em nome das verdades reprimidas. Já o *pathos* é visível na mobilização intensiva de afetos como o medo e a indignação. Na perspectiva de Laclau (1986), essa carga afetiva é o que permite a formação de uma cadeia de equivalências resiliente; contudo, como nota Adeodato (2015), o excesso de paixões e o uso de termos ofensivos tensionam o equilíbrio ético aristotélico, revelando o caráter antagonístico e excludente dessa nova ordem.

Além disso, Bolsonaro utiliza o paradigma aristotélico - o recurso a fatos históricos para sugerir a repetição de resultados - ao exaltar o regime militar. Sob a lógica da metamorfose discursiva, essa referência ao passado não é apenas nostálgica, mas uma tentativa de fixar o sentido de “ordem” e “progresso” em oposição ao caos atribuído aos governos progressistas. Assim, as provas de persuasão não apenas convencem o eleitorado, mas constituem o “povo” bolsonarista como um sujeito político definido pela oposição frontal aos marcos democráticos estabelecidos em 1988.

5.4 TÉCNICA DO *DISSOI LOGOI*

A técnica do *dissoi logoi*, vinculada à tradição sofística, consiste na apresentação de argumentos contrapostos sobre um mesmo fenômeno, permitindo a compreensão das razões internas que sustentam cada posição. Como aponta Adeodato (2015), o método não busca uma síntese normativa, mas a explicitação das tensões que estruturam o debate público. Aplicada ao bolsonarismo sob a ótica de Laclau (1986), essa técnica permite confrontar os dois eixos discursivos que disputam a hegemonia na arena política brasileira.

No primeiro eixo, de caráter analítico-crítico, a retórica bolsonarista é identificada como uma metamorfose discursiva que opera por meio de uma lógica excludente. Aqui, o discurso se vale de significantes como família, pátria e religião para construir uma cadeia de equivalências que delimita o “povo” em oposição frontal a um inimigo político (o “outro” antagônico). Essa estratégia produz uma narrativa dicotômica onde a personalização do líder e a crise contínua são ferramentas de

interpelação que visam legitimar uma ruptura com o bloco de poder anterior (Baptista; Hauber; Orlandini, 2022; Chaloub; Perlatto, 2016).

No segundo eixo, fundamentado na perspectiva de John Gray, a ascensão conservadora é lida como um sintoma do deslocamento provocado pelas falas do universalismo liberal-progressista. Para Gray (2011), o conflito de valores é inerente às sociedades, e a tentativa de impor um único *modus vivendi* ignora a pluralidade radical humana. Sob este prisma, o bolsonarismo não seria uma anomalia, mas uma prática articulatória legítima que preenche o vazio deixado por falhas institucionais. A invocação de valores tradicionais e a crítica à esquerda seriam respostas ao sentimento de fragmentação moral, oferecendo uma nova promessa de fechamento do social.

Assim, o *dissoi logoi* aplicado a este estudo evidencia o embate entre duas lógicas de constituição do político: uma que vê na retórica bolsonarista um mecanismo de polarização perigosa, e outra que a interpreta como uma tentativa de restaurar referências simbólicas em um ambiente de profunda instabilidade. Essa análise permite compreender como o bolsonarismo logrou êxito ao articular o descontentamento popular em uma nova identidade coletiva, revelando a natureza precária e sempre disputada da ordem democrática brasileira.

6 CONCLUSÃO

6.1 PRÁTICAS ARTICULATÓRIAS E A CONSTITUIÇÃO DO “POVO” BOLSONARISTA

A análise das estratégias retóricas de Jair Bolsonaro revela um conjunto articulado de elementos que operaram uma exitosa interpelação popular-democrática. Sob a ótica de Laclau (1986), a adesão popular não é um dado prévio, mas o resultado de uma prática articulatória que logrou unificar demandas sociais dispersas em uma nova identidade coletiva. A personalização do discurso permitiu que o então candidato se fixasse como o significante vazio capaz de representar frustrações e aspirações heterogêneas, apresentando-se como a única alternativa de ordem frente ao deslocamento do sistema político.

A construção de antagonismos desempenhou o papel de “cimento” dessa nova hegemonia. A retórica da “terra arrasada” não apenas descreveu uma crise, mas instituiu uma fronteira clara entre o “povo” (constituído como puro, cristão e patriota) e o “bloco de poder” dominante (identificado com o Partido dos Trabalhadores e a “velha política”).

Esse movimento intensificou o *pathos* ao deslocar o descontentamento social para um inimigo claramente identificado, operando o que Laclau (1986) define como a essência do político: a divisão do social em dois campos opostos. A mobilização de valores morais e religiosos funcionou, portanto, como uma metamorfose discursiva que deu cores conservadoras a uma revolta popular contra as elites institucionais.

6.2 IMPLICAÇÕES PARA A HEGEMONIA DEMOCRÁTICA E OS DIREITOS FUNDAMENTAIS

O confronto entre os discursos analisados revela tensões profundas quanto à estabilidade do Estado Democrático de Direito. A partir da lógica do *dissoi logoi*, percebe-se que a retórica bolsonarista - ao radicalizar o antagonismo e deslegitimar opositores como inimigos da nação - tensiona os limites do pluralismo político. Sob a perspectiva pós-estruturalista, quando a política abandona a negociação entre “adversários” para focar na erradicação de “inimigos”, o espaço de construção de consensos mínimos é reduzido, fragilizando a garantia de direitos de participação e liberdade de expressão de minorias políticas.

Além disso, a exaltação do regime militar e a relativização de suas violações funcionam como uma tentativa de re-fixação de sentidos históricos. Ao reinterpretar positivamente o autoritarismo, o discurso bolsonarista busca deslocar o centro de gravidade da Constituição de 1988, substituindo o compromisso com a memória e a verdade por uma narrativa de “proteção da ordem”. Por outro lado, a leitura conservadora sustenta que tal centralização da autoridade é a resposta necessária a uma crise de hegemonia onde as instituições liberais falharam em prover segurança e moralidade.

Em suma, a ascensão do bolsonarismo demonstra que o social é um campo permanentemente aberto e disputado. O desafio para a teoria constitucional contemporânea consiste em compreender como as práticas articulatórias populistas podem, ao mesmo tempo, oferecer representação a grupos desassistidos e colocar em risco as salvaguardas institucionais que protegem o pluralismo e os direitos fundamentais em uma sociedade democrática.

REFERÊNCIAS

ADEODATO, João Maurício. Uma crítica retórica à retórica de Aristóteles. **Revista Brasileira de Estudos Políticos**, Belo Horizonte, v. 110, p. 35-73, jan./jun. 2015. DOI: <https://doi.org/10.9732/317>. Disponível em: <https://pos.direito.ufmg.br/rbep/index.php/rbep/article/view/P.0034-7191.2015v110p35>. Acesso em: 20 jan. 2025.

ARISTÓTELES. **Retórica, I**. Tradução: Edson Bini. [s. l.: s. n., s. d.]. Disponível em: <https://www.infolivros.org/livro/retorica-aristoteles/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

BAPTISTA, Érica Anita; HAUBER, Gabriela; ORLANDINI, Maiara. Despolitização e populismo. **Media & Jornalismo**, [s. l.], v. 22, n. 40, p. 105-119, 26 maio 2022. DOI: http://dx.doi.org/10.14195/2183-5462_40_5. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/10279>. Acesso em: 5 maio 2025.

BELLO, André. Polarização política dinâmica: evidências do Brasil. **Opinião Pública**, [s. l.], v. 29, n. 1, p. 42-68, abr. 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0191202329142>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/op/a/Wn7sjLYf5SsRtzSRJrQFpH/?lang=pt>. Acesso em: 18 set. 2025.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Conselho de Ética e Decoro Parlamentar. **Reunião n. 1143/16**, de 4 out. 2016. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2016. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/discursoDiretoCMO.asp?nuReuniao=1143%2F16>. Acesso em: 18 jan. 2025.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Pronunciamento do Deputado Jair Bolsonaro na Sessão 272.2.54.O**, em 17 out. 2012. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2012. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/TextoHTML.asp?etapa=3&nuSessao=272.2.54.O&nuQuarto=86&nuOrador=1&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=18:15&sgFaseSessao=CP%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20&Data=17/10/2012&txApelido=JAIR%20BOLSONARO&txEtapa=Com%20re-da%C3%A7%C3%A3o%20final>. Acesso em: 18 jan. 2025.

CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. A nova direita brasileira: ideias, retórica e prática política. **Insight Inteligência**, [s. l.], v. 72, p. 24-41, 2016. Disponível em: <https://insightinteligencia.com.br/a-nova-direita-brasileira-ideias-retorica-e-pratica-politica/>. Acesso em: 18 jan. 2025.

GRAY, John. **A anatomia de John Gray**. Tradução: José Gradel. Rio de Janeiro: Record, 2011. 516 p.

JAIR BOLSONARO: “Os gays não são semideuses. A maioria é fruto do consumo de drogas”. **El País**, [s. l.], 14 fev. 2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/14/politica/1392402426_093148.html. Acesso em: 16 jan. 2025.

LACLAU, Ernesto. **Política e ideología en la teoría marxista: capitalismo, fascismo, populismo**. 3. ed. Madrid: Siglo Veintiuno de España Editores, 1986. (Título original: Politics and ideology in Marxist theory, 1977).

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. 1. ed. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.